

Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis

Bruna Corrêa Amoras¹, Atos Rodrigues Campos² e Eveline Pinheiro Beserra³

¹ Aluna de graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Amapá, Brasil. E-mail: erlan.sa@hotmail.com

² Aluno de graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Amapá, Brasil. E-mail: atosrds@hotmail.com

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Federal do Ceará, Brasil. E-mail: e-ve_pinheiro@yahoo.com.br

RESUMO: O risco de contágio das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes é um grave problema de saúde pública. O objetivo deste estudo é refletir sobre o risco de contágio por uma IST pelos adolescentes. Trata-se de um estudo reflexivo que emergiu da disciplina Enfermagem em doenças transmissíveis do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Amapá no semestre 2014.2. As seguintes categorias de discussão foram abordadas: Adolescente no descobrimento da sua sexualidade, A influência dos fatores culturais na sexualidade dos adolescentes e Educação em Saúde nas escolas para prevenção das IST entre adolescente. Observa-se nessa reflexão que as situações de vulnerabilidade dos adolescentes às IST relacionam-se a dificuldades para usar preservativos, baixa escolaridade, conhecimentos e informação sobre IST deficientes, fatores culturais e a falta de orientações. Estas situações levam os adolescentes a necessitarem de ações educativas contínuas e problematizantes que visem promover a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chaves: Adolescentes; Vulnerabilidade; Infecções sexualmente transmissíveis.

Reflections about teenagers vulnerability in Sexually Transmitted Infections

ABSTRACT: The risk of Infections sexually transmitted (STIs) among adolescents is a major public health problem. The aim of this study is to reflect on the risk of contagion for an STI by adolescents. It is a reflective study that emerged from the nursing discipline of contagious diseases of the degree course in Nursing at the Federal University of Amapá in half 2014.2. The following categories of discussion were addressed: Teen in discovery of their sexuality, the influence of cultural factors in adolescent sexuality and health education in schools for the prevention of STIs among adolescents. It is observed that reflection that adolescents situations of vulnerability to STIs relate to difficulties in using condoms, low education, information and knowledge IST disabled, cultural factors and the lack of guidelines.

These situations lead teens in need of continuous education actions and problematizing aimed at promoting the prevention of Infections sexually transmitted.

Keywords: Teens, Vulnerability and Infections sexually transmitted

1 INTRODUÇÃO

O contágio das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) é um grave problema de saúde pública, hoje atinge cada vez mais a população jovem entre 15 e 21 anos de idade (ARAUJO; MONTEIRO; MESQUITA; ALVES; CARVALHO; MONTEIRO, 2012). São vários os fatores de riscos que proporciona a vulnerabilidade desse grupo, e um deles é o início da vida sexual precoce e em muitos casos desprotegida, que torna esses adolescentes portadores e transmissores de muitas doenças como: a sífilis, gonorréia, hepatite B e C, herpes e cancro mole e HIV. Essas doenças ocasionam sérios problemas de saúde e se não tratados adequadamente levam ao óbito.

Koerich, Baggio, Backes, Carvalho, Meirelles (2010) apontam que a fase da adolescência é difícil, pois é o momento que os adolescentes estão passando por transformações e conflitos, é à saída da infância e a entrada na adolescência, que é marcada por mudanças físicas, emocionais e psicossociais. É nessa fase que ocorre o descobrimento da sua sexualidade, conhecimento do seu corpo e a busca por prazer.

Segundo Camargo, Giacomozzi, Wachelke e Aguiar (2010) a vulnerabilidade dos adolescentes ocorre pelo fato das políticas públicas não serem voltadas especificamente para esse público, a falta de programas efetivos de prevenção das IST/aids nas escolas, proporciona que muitos adolescentes pratiquem sexo de qualquer forma. Assim, o número de adolescentes contaminados por IST tendem a aumentar por essa falta de informação sobre as doenças que são transmitidas no ato sexual. Por serem doenças que são transmitidas facilmente, e algumas assintomáticas, o portador não sabe em muitos casos que a possui e transmite para outra pessoa ao realizar sexo sem preservativo.

Nas escolas é importante inserir práticas educativas sobre educação sexual, o enfermeiro deve ser o educador para orientar e informar os adolescentes sobre sexualidade e como praticar o sexo seguro, livre de doenças e contaminação, tirando todas as suas dúvidas e indagações, derrubando tabus, assim os jovens terão conhecimento das doenças que são transmitidas em uma relação sexual, e os riscos que correm ao realizarem sexo sem proteção.

O objetivo deste estudo é refletir sobre o risco de contágio por uma IST pelos adolescentes.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo reflexivo que emergiu da disciplina Enfermagem em doenças transmissíveis do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal

do Amapá no semestre 2014.2. As seguintes categorias de discussão serão abordadas: Adolescente no descobrimento da sua sexualidade, A influência dos fatores culturais na sexualidade dos adolescentes e Educação em Saúde nas escolas para prevenção das IST entre adolescente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Adolescente no descobrimento da sua sexualidade

A adolescência é apontada por conflitos interpessoais, por transformações físicas, psicológicas e sociais, sendo essa fase marcada pela passagem da puberdade, que trás mudanças fisiológicas e morfológicas, tem inicio aproximadamente com 12 anos e permeia até os 18 anos de idade, de acordo com o (Estatuto da criança e do adolescente). A adolescência esta situada entre a infância e a vida adulta, e é nesse período que ocorre o descobrimento da sua sexualidade, do indivíduo como si, da auto imagem, opção sexual e atração pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo, sendo importante nessa fase as orientações para se prevenir as doenças recorrentes de um atos sexual inseguro (JARDIM; CAMPOS; MATA; FIRME, 2013).

Os adolescentes estão iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo, antes mesmo de completarem 15 anos de idade e sem qualquer informação que possa vir aos instruir sobre sua sexualidade e as transformações que estão ocorrendo no seu corpo, os tornando suscetíveis a adquirirem doenças sexualmente transmissíveis, como a síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV) dentre outras. Eles são imaturos e ingênuos ao fazerem sexo sem prevenção, se expondo aos riscos de infecção inerentes ao realizarem uma relação sexual desprotegida (KORIENCH et al, 2010).

Na adolescência ocorre o interesse dos adolescentes de terem novas experiências, conhecer pessoas novas e descobrir a sua sexualidade, mas em muitos casos, essas relações sexuais ocorrem sem nenhuma prevenção, expondo-os as doenças e á uma gravidez não desejada. A interface dos jovens acharem que são *expert* no sexo e imunes as doenças aumentam a sua vulnerabilidade, pois muitos não recebem as orientações necessárias para uma primeira relação sexual, pois essas orientações que deveriam vir dos pais ou através da educação nas escolas não estão sendo enfatizada aumentando a vulnerabilidade dos mesmos. (DIAS, et al 2010).

Sobre sexualidade, observar-se que muitas vezes é confundida com o sexo, sendo que seu conceito é amplo e diversificado, e não se resume em simplesmente em uma relação sexual, é o descobrimento da sua identidade, o sentimento de amor e atração por outra pessoa e o modo de sentir prazer é são uma das características da sexualidade. Portanto falar em sexualidade na adolescência é primordial, assim se conhece melhor essa fase, derrubando assim paradigmas quando se trata da sua sexualidade, olhando esse jovem de uma outra forma, não os criticando ou colocando normas quanto a sua escolha sexual, e sim os educando e informando para que essa sexuali-

dade seja vivida da melhor forma possível e que ela não venha comprometer a sua saúde (SILVA; DIAS; MAIA; PEREIRA; VIEIRA; PINHEIRO, 2010).

3.2 Fatores de vulnerabilidade dos adolescentes para o contágio de uma IST

São diferentes os fatores que envolvem a vulnerabilidade dos adolescentes ao risco de uma IST, como: o início da vida sexual precoce, falta de informação referente a realização do ato sexual, não utilização do preservativo, desigualdade de gênero, baixa renda e vulnerabilidade social.

Em geral a primeira relação sexual ocorre na adolescência, haja vista que em muitos casos sem qualquer medida preventiva, sendo realizada às pressas e o preservativo nesse momento é esquecido, o que torna esse adolescente vulnerável, pois cada vez que ele realiza sexo sem camisinha ele se expõe às doenças que são transmitidas no ato sexual e também à uma gravidez indesejada, quanto mais cedo ocorrer essa relação sexual, mais ele se torna vulnerável, pois eles acabam se relacionando com múltiplos parceiros, e não tendo o devido cuidado com a sua saúde sexual, e se contaminando com vários tipos de vírus, como do HPV e HIV, devido terem uma percepção errônea sobre sexo seguro (MOURA; SOUZA; EVANGELISTA, 2009).

Muitos adolescentes deixam de usar o preservativo com a desculpa que incomoda ou que não é excitante no momento sexual, deixando de lado o preservativo, para sentir “prazer”, ou até mesmo, muitos desconhecem a forma de se usar o códon, tanto o feminino quanto o masculino, porque em muitos casos não são orientados em como colocar o preservativo no momento da relação sexual. Outra situação relacionada ao não uso do preservativo, é a desigualdade de gênero as mulheres são mais suscetíveis de adquirirem as IST/AIDS e uma gravidez indesejada, pois fica atribuída a mulher de se preocupar e lembrar do preservativo, como também cederem aos seus parceiros o não uso da camisinha (OLIVEIRA; GOMES; PONTES, 2009).

Outro fator que merece atenção é o fato de muitos adolescentes confundirem a função do uso dos métodos contraceptivos, por exemplo, a utilização da contracepção como o anticoncepcional oral, que muitas adolescentes pensam que pode evitar tudo, sendo que na verdade só previne uma gravidez indesejada, deixando expostas as doenças sexuais. Essa vulnerabilidade é multifatorial, estando relacionada pela própria idade, início sexual precoce e sem nenhuma orientação, pela questão econômica, social que vivenciam (DIAS; SILVA; VIEIRA; PINHEIRO, 2010).

A desigualdade de gênero faz com que as mulheres recebam a função de serem responsáveis culturalmente pelo cuidado de se prevenirem no momento da relação sexual, tornando os homens promíscuos, pois deixam de se preocupar quanto ao uso do condom e se expõem aos riscos biológicos durante uma relação sexual desprotegida. Nesse contexto que os costumes, crenças e valores de uma cultura interferem no modo de agir e na tomada de decisões de uma pessoa, nos seus atos e como ela se relaciona com o outro, influenciando diretamente na forma de como o homem e a

mulher se comportam para realizarem uma relação sexual (SILVA; DIAS; MAIA; PEREIRA et al 2010).

A cultura esta predominantemente associada ao domínio do gênero masculino, sua relação de poder, ser mais experiente e saber mais sobre sexo e ser invulnerável para adquirir doenças, que na fase da adolescência se mostra mais presente pelo fato de estarem descobrindo a sua sexualidade, as novas experiências e nesse momento o que vale é o prazer que sente no momento do ato sexual, deixando de lado o uso do preservativo, o que torna preocupante, pois com esse pensamento os expõem mais aos riscos de se contaminar e transmitir para outros ao ter uma nova relação sexual desprotegida (SILVA; DIAS; MAIA; PEREIRA et al 2010).

A cultura difere o home e a mulher em relação ao comportamento sexual, dando mais liberdade ao sexo masculino em relação ao ato sexual, permitindo que ele inicie essa vida sexual mais cedo, sem que sejam julgados ou estereotipados pela sociedade. Essa desigualdade de gênero permite que os meninos tenham vários relacionamentos, uma multiplicidade de parceiras e proporcionalmente maiores riscos de contrair uma doença sexualmente transmissível (SILVA; DIAS; MAIA; PEREIRA et al 2010).

A cultura esta predominantemente associada ao domínio do gênero masculino, sua relação de poder, ser mais experiente e saber mais sobre sexo e ser invulnerável para adquirir doenças, que na fase da adolescência se mostra mais presente pelo fato de estarem descobrindo a sua sexualidade, as novas experiências e nesse momento o que vale é o prazer que sente no momento do ato sexual, deixando de lado o uso do preservativo, o que torna preocupante, pois com esse pensamento os expõem mais aos riscos de se contaminar e transmitir para outros ao ter uma nova relação sexual desprotegida (SILVA; DIAS; MAIA; PEREIRA et al 2010).

Apesar de existirem políticas públicas voltadas para a prevenção das DST e incentivo ao uso da camisinha, os adolescentes ainda não utilizam em suas relações sexuais, prova disso é o alto índice de contaminação e gravidez indesejada. Mesmo sendo oferecido o condom nas unidades básicas de saúde eles não procuram e não os utilizam, e isso ocorre em muitos casos pela falta de orientação, vergonha para pegar ou então por motivos emocionais que gera confiança no parceiro e também por relatar que incomoda no momento da relação sexual.

3.3 Educação em Saúde nas escolas para prevenção das IST entre adolescente

É de suma importância trabalhar nas escolas para promoção da saúde dos adolescentes, já que esse grupo se encontra vulnerável em adquirir uma doença sexualmente transmissível. A Educação em saúde pode ser realizada de varias formas, cabe o facilitador usar a melhor metodologia que insira esse adolescente a participar.

Podem ser realizadas ações educativas ou mesmo rodas de conversas, que busquem obter uma boa relação com esse adolescente, para que não ocorra somente o repasse de informações, ou seja, esse adolescente ser somente receptor, e que essa

informação não seja transformada em conhecimento, por isso é necessário que ele realmente participe.

É necessário abordar temas que seja de interesse deles, que chamem a sua atenção e seja realidade do seu dia-a-dia, como conhecer as estruturas dos órgãos genitais femininos e masculinos, doenças relacionadas ao sexo sem proteção- DST, métodos contraceptivos e a sua sexualidade, somente assim, se obterá uma compreensão efetiva e uma participação ativa, no qual a orientação recebida será colocada em prática, evitando dessa forma, a propagação das infecções sexualmente transmissíveis entre os adolescentes (KOERICH, BAGGIO, BACKES, BACKES, CARVALHO, MEIRELLES, 2010).

É necessário construir um conhecimento crítico dos adolescentes em relação a sua saúde, favorece á eles o empoderamento de cuidar de si próprio, os responsabilizando de manter sua saúde e se prevenir contra as infecções sexualmente transmissíveis e de uma gravidez indesejada. Mas para que isso ocorra, é necessário a escola implantar essas práticas educativas em seus planos de ensino, enfatizar á temática sexualidade, derrubando conflitos que existe entre os adolescentes quando se trata desse assunto, pois muitos só recebem informações pelos meios de comunicação, pela mídia, amigos e vizinhos, sendo que em muitos casos são repassadas erroneamente, confundido esses adolescentes em relação a sexualidade e como realizar um sexo seguro, sendo que grande parte deles não recebem em casa uma orientação sexual dos pais, pois muitos ainda não conseguem conversa com seus filhos, principalmente quando e filha mulher, no qual a palavra conservadora, ainda é muito importante para algumas famílias, deixando a responsabilidade para a escola, que deve conversar e orientar esses adolescentes, dessa forma, promovendo um bem estar na sua vida sexual atual ou futura (COSTA; LINS; ARAÚJO; ARAÚJO; GUBERT; VIEIRA, 2013).

A enfermagem tem um papel fundamental na saúde dos adolescentes e no ambiente educacional, realizando um diagnostico da necessidade desses adolescentes, dessa forma ela conhece assuas principais indagações em relação à saúde sexual, dentre que, a função da enfermagem é promover a prevenção e a promoção da saúde e arte de cuidar das pessoas em todo o seu ciclo vital.

Nessa fase da adolescência é primordial que exista uma orientação por parte desse profissional de saúde, pois muitos adolescentes não procuram as unidades básicas de saúde, seja elas, por não oferecer uma assistência específica para eles, ou os profissionais não estão capacitados para atender à esse público alvo, por isso torna-se essencial a participação da escola, para proporciona esse espaço, que concomitantemente ocorrerá a educação contínua em que cada ação educativa abordar um tema diferente, e possivelmente aprofundar o assunto na medida que eles estejam compreendendo, para que não gere conflitos de ideias e informações (BARRETO; SANTOS 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se nessa reflexão que as situações de vulnerabilidade dos adolescentes às IST relacionam-se a dificuldades para usar preservativos, baixa escolaridade, conhecimentos e informação sobre IST deficientes, fatores culturais e a falta de orientações. São processos desencadeantes que levam os adolescentes a necessitarem de ações educativas contínuas e problematizantes que visem promover a prevenção e uma boa qualidade de vida sexual.

Abordar a saúde dos adolescentes nos dias de hoje é de suma relevância, já que essa população é considerado um grupo de risco para se contaminarem com as infecções sexualmente transmissíveis, haja vista, que o adolescente passa por mudanças físicas, sociais e psicológicas, gerando conflitos interpessoais e curiosidades a respeito do ato sexual, e junto a ele as novas sensações de sentir prazer, que ocorrem de forma irresponsável e insegura, colocando em risco a sua saúde.

Dentre uma das medidas para que essa vulnerabilidade seja menor é necessário que seja implantado nas escolas um programa específico para a saúde dos adolescentes, já que eles passam mais tempo nesse local do que em casa, sendo preciso que essas orientações ocorram, já que muitos pais têm dificuldade de conversar com seus filhos. Dessa forma, os adolescentes serão conscientizados, eles terão uma visão positiva da sexualidade, tomarão a decisão certa no momento exato, tornando-os pessoas conhecedoras da gama de doenças que é transmitida em uma relação sexual, logo reconhecerão a importância de se prevenir, e que o uso do preservativo previne doenças e uma gravidez indesejada.

São vários os fatores condicionantes que demonstram que esse público é vulnerável, por isso é importante salientar que outros estudos devem ser realizados a respeito da saúde dos adolescentes, com enfoque na prevenção de morbidades e mortalidades em ambos os sexos por doenças sexualmente transmissíveis, haja vista que é um problema de saúde pública global que necessita de medidas profiláticas mais eficazes, que além de oferecer o preservativo seja capaz de empoderar esses adolescente a terem a responsabilidade de cuidarem de sua própria saúde.

O enfermeiro tem papel primordial na assistência oferecida a esses adolescentes, tanto pela forma educacional, orientando-os e os incentivando quando ao uso da condom, quanto para a assistência quando eles já estiverem contaminados por alguma IST, sendo importante informar que eles são transmissores da doença e devem utilizar o preservativo para evitar a disseminação da mesma. Ressalta-se que a participar multidisciplinar nesse processo de Educação em saúde com adolescente favorecem uma atenção integral ao adolescente.

Portanto é importante discutir estratégias que visem reduzir o acometimento de adolescentes por IST/AIDS e que possibilite maior participação dos adolescentes nos serviços de saúde, bem como a capacitação de para atendê-los sem prévias discrimi-

nação ou julgamento estereotipados para que se consiga promover uma assistência de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Telma Maria Evangelista; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; MESQUITA, Gerado Vasconcelos; ALVES, Eucário Leite Monteiro; CARVALHO, Khelyane Mesquita; MONTEIRO, Rebeca Mendes. Fatores de risco para infecção por HIV em adolescentes. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p. 242-72012, abr/jun, 2012.
- BARRETO, Ana Cláudia Mateus; SANTOS, Rosângela da Silva. A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. **Esc. Anna Nery**, v.13, n.4 p. 809-816, dez, 2009.
- CAMARGO, Brígido Vizeu; GIACOMOZZI, Andréia Isabel; WACHELKE, João Fernando Rech; AGUIAR, Adriana de. Vulnerabilidade de adolescentes afrodescendentes e brancos em relação ao HIV/Aids. **Estud. psicol. (Campinas)**, v.27, n.3, p. 343-354, set, 2010.
- COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus; LINS, Anamaria Gomes; ARAÚJO, Márcio Flávio Moura de; ARAÚJO, Thiago Moura de; GUBERT, Fabiane do Amaral; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em imperatriz – maranhão. **Revista Gaúcha Enfermagem**. Porto Alegre, n.3,v.34, p. 179-186, Abril/ago, 2013.
- DIAS, Fernanda Lima Aragão; SILVA, Kelanne Lima da; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; MAIA, Carlos Colares. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Revista enfermagem. UERJ**, Rio de Janeiro, n.3, v 18, p.456-460, jul/set 2010.
- JARDIM, Fabrine Aguilar; CAMPOS, Thamara de Souza; MATA, Renan Neves da; FIRME, Maria da Penha Rodrigues. Doenças sexualmente transmissíveis: a percepção dos adolescentes de uma escola pública. **Cogitare Enfermagem**. Minas Gerais, n. 18, v.4, p. 663-668. Out/dez, 2013.
- KOERICH, Magda Santos; BAGGIO, Maria Aparecida; BACKES, Marli Terezinha Sthein; BACKES, Dirce Sthein; CARVALHO, Jacira Nunes; MEIRELLES, Betina Homer Schlindwein. Sexualidade, Doenças Sexualmente Transmissíveis e Contracepção: atuação da enfermagem com jovens de periferia. **Revista enfermagem. UERJ**, Rio de Janeiro, n.18, v.02, pag. 265-271, abr/jun 2010.
- MOURA, Rejane Ferreira; SOUZA, Carolina Barbosa Jovino; EVANGELISTA, Danielle Rosa. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes de escolas públicas e privadas de fortaleza-ce, Brasil. **Reme- Revista Mineira Enfermagem**, v. 13 n. 2, p. 266-273, abr./jun 2009.
- OLIVEIRA, Denise Cristina; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; PONTES, Ana Paula Munhen; RIBEIRO, Monique Carvalho Marrafa. Conhecimentos e Práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro.

Escola Ana Nery Revista de enfermagem. Rio de Janeiro-RJ, n. 13, v.4,p. 833-841, Out/dez, 2009.

SILVA, Kelanne Lima; DIAS, Fernanda Lima Araguão; MAIA, Carlos Colares; PEREIRA, Dayse Cristina Rodrigues; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa. A influência das crenças e valores culturais no comportamento sexual dos adolescentes do sexo masculino **Revista Enfermagem. UERJ**, Rio de Janeiro-RJ, n.18, v.2, p. 247-52. abril/jun, 2010.

Artigo recebido em 27 de maio de 2015.

Aprovado em 01 de julho de 2015.